

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CASA
29 de maio de 2026

SCENER UR ETT ÄKTENSKAP / 1973

Cenas da Vida Conjugal

Um filme de Ingmar Bergman

Argumento, Diálogos, e Realização: Ingmar Bergman / Fotografia: Sven Nykvist / Operador: Lars Karlsson / Director Artístico: Björn Thulin / Som e Misturas: Owe Svensson / Montagem: Siv Lundgren / Interpretação: Liv Ullmann (Marianne), Erland Josephson (Johan), Bibi Andersson (Katarina), Jan Malmström (Peter), Barbro Hiort af Ornäs (Senhora Jacobi), Gunnell Lindblom (Eva), Anita Wall (Senhora Palm), Arne Carlsson.

Produção: Cinematograph AB / Produtor: Ingmar Bergman / Director de Produção: Lars-Owe Carlberg / Cópia: DCP, cor, versão original legendada em português / Duração: 170 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, fevereiro de 1974 / Estreia em Portugal: Cinema Londres, a 30 de janeiro de 1976.

CENAS DA VIDA CONJUGAL é exibido com HEMMET de Solveig Nordlund ("folha" distribuída em separado)

O filme que hoje vamos ver não foi originalmente feito para o cinema. Na sua base está uma série televisiva famosa de que o filme é apenas uma remontagem. Ele coloca assim, logo à partida, uma questão interessante que tem a ver com o relacionamento entre as duas formas de escrita visual. Mas antes de lá chegarmos façamos o ponto da situação de Bergman e a televisão, cuja colaboração começou em 1957 quando adapta uma obra de Hjalmar Bergman para o pequeno ecrã. A colaboração continua nos anos seguintes adaptando, entre outras, duas peças de Strindberg, que nestas **Cenas...** tem um papel de destaque. Após um certo abandono regressa com maior assiduidade a partir de 1969 com **Ritten** uma média-metragem que será também exibida nos cinemas de alguns países, entre os quais Portugal. Segue-se um documentário sobre a ilha de Farö e estas **Cenas da Vida Conjugal**, uma série de seis episódios (**Inocência e Pânico; A arte de varrer para debaixo do tapete; Paula; As lágrimas; Os analfabetos e No meio da noite numa coisa escura**) que passou na televisão sueca de 11 de Abril a 16 de Maio de 1973. O sucesso foi tal que outras televisões estrangeiras se interessaram (também a RTP a exibiu há alguns anos) e os distribuidores norteamericanos propuseram a Bergman a sua redução de modo a poder ser explorada comercialmente nos cinemas. A montagem foi orientada pelo próprio Bergman que reduziu a série à versão que iremos ver e alcançou um triunfo nos cinemas. Depois disto, as relações de Bergman com a televisão foram aumentando: **A Flauta Mágica e Face a Face**, os seus filmes imediatos foram feitos antes de mais para o pequeno ecrã e o seu anunciado afastamento do cinema teve a ver, para além das suas actividades como encenador, com um maior interesse pela televisão (**Depois do Ensaio** que já vimos também na RTP, é um exemplo).

A sequência chave de **Cenas da Vida Conjugal**, na minha opinião, tem lugar no segundo episódio no gabinete de consulta de Mariana. Ela atende uma mulher de meia idade, a senhora Jacobi, que lhe conta a sua vida marcada pela ausência do amor. Com todos os filhos arrumados esse vazio torna-se mais agudo e faz avolumar ressentimentos e ódios latentes. Ela confessa que nunca amou o marido nem mesmo os filhos que dele teve. Apenas a obrigação e a conveniência social a mantiveram em casa e procura agora no divórcio a sua liberdade ou a ilusão dela. Numa entrevista perguntaram a Liv Ullmann a propósito desta sequência o que ia ela dizer quando em resposta à senhora Jacobi começa a falar e, subitamente se cala. A actriz respondeu: "*Bergman*

nunca me disse, mas penso que essa mulher faz vibrar em mim um sentimento, uma impressão, qualquer coisa que tenho por hábito esconder". A confissão da cliente de Mariana é o corolário da citação que Peter (o marido do casal desavindo do primeiro episódio) faz de Strindberg: "*Não há nada de mais horrível do que ver marido e mulher odiarem-se mutuamente*", no dilacerante jantar em que cada casal parece surgir como reverso do outro, quando mais não são do que reflexos do mesmo casal. De um e outro lado do espelho, a ferida exhibe-se em carne viva ou começa a abrir-se. Ambos se vêem a si mesmos e aos outros "através de um vidro escuro" que deforma a perspectiva e o sentido. Mas aquele fantasma que é o casal Peter-Katarina que se compraz masoquisticamente na auto-destruição é, de novo, o prolongamento, o futuro do outro. E digo de novo porque ele ressurge com frequência na obra de Bergman. Só para citar um caso lembro **Morangos Silvestres**, onde o casal leva a cabo o mesmo jogo de massacre no automóvel que leva o Professor Borg para a homenagem, e que mais não é, também, do que um fantasma do casamento de Borg. Um sintoma da desagregação do mundo de Mariana em **Cenas da Vida Conjugal** está na tentativa de racionalizar o drama de Peter e Katarina, de o ordenar muito logicamente dentro do seu mundo ordenado, o que denota a incompreensão do drama e, em consequência, a impossibilidade de encontrar uma resposta para a senhora Jacobi. Nesse mesmo episódio os sintomas deixam de estar latentes para surgirem à superfície na forma daquele mal estar que marca o começo do fim. À noite, de volta do teatro onde assistiram à **Casa da Boneca** de Ibsen, surge esse mal estar quando Johan quer ter relações com Mariana e ela se esquia. À pose do "casal ideal" exibida no primeiro episódio frente às câmaras de televisão, Mariana mostra-nos agora outra faceta da sua educação puritana de "menina bem comportada" que só mais tarde compreenderá: no quarto episódio, após a separação e tratamento psiquiátrico, Mariana lê ao marido o texto que escreveu contando o que foi a sua vida de criança e adolescente (para esta sequência Bergman utilizou as fotos de jovem de Liv Ullmann, na altura sua companheira).

Como dois pássaros feridos Mariana e Johan voltarão a encontrar-se mas agora num ponto diferente da espiral que forma as suas vidas comuns e em comum. Tudo parece estar como dantes mas nada é como dantes. Foi preciso passarem pelo inferno e dilacerarem-se mutuamente para adquirirem o verdadeiro sentido da ternura. Mesmo que para isso seja preciso estar "*algures no mundo, de noite, numa casa escura*", longe e esquecendo tudo. Se **Cenas da Vida Conjugal** parece um filme negro e pessimista é porque ele nada mais faz do que reflectir a crise dos sentimentos da actualidade, a crise do casal. Mas é também um dos filmes mais ternos de Bergman, este mestre do pessimismo e amargura. É um filme em que um gesto, uma carícia, o tom de uma voz (e a voz tem tanta importância neste filme sem música) conseguem reacender uma esperança. E repare-se como no terceiro episódio (Paula, o da separação) o rosto de Liv Ullmann parece procurar desesperadamente um desses sinais nos gestos ou nas palavras de Johan. É aqui, no fim de contas, mais do que na rotina dos seus encontros de amantes de fim de semana com que o filme termina, que está a marca da ternura neste sombrio filme de Bergman.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico